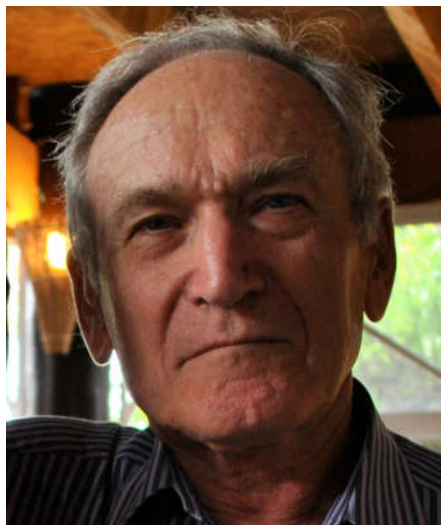


CINQUENTA ANOS DE *PAU DE ARARA*: UMA ENTREVISTA COM BERNARDO KUCINSKI

WEVERSON DADALTO¹



Bernardo Kucinski atuou como jornalista durante a ditadura militar brasileira e, em coautoria com Ítalo Tronca, escreveu o primeiro livro de denúncia internacional dos crimes de tortura praticados pelo regime iniciado com o golpe de 1964. Intitulado *Pau de arara*, o livro foi escrito em 1970. Traduzido para o francês, foi publicado na França no ano seguinte; logo depois foi traduzido para o espanhol e publicado no México, em 1972. Kucinski trabalhou em importantes periódicos da imprensa alternativa, como *Opinião* e *Movimento*. Posteriormente, durante sua carreira como professor de jornalismo da USP, publicou diversos títulos, tratando

especialmente de ditadura, jornalismo e economia. Entre seus vários livros desse período, destacamos *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa* (1991), *Jornalismo econômico* (1996) e *O fim da ditadura militar* (2001). Depois de aposentar-se, estreou na literatura e tornou-se um dos escritores mais discutidos pela crítica literária brasileira na última década. Destacam-se, na sua obra ficcional, *K: relato de uma busca* (2011), *Você vai voltar pra mim e outros contos* (2014) e *Júlia: nos campos conflagrados do Senhor* (2020). Nesta entrevista, conversamos com Kucinski a respeito de seu primeiro livro, que em 2021 completa cinquenta anos desde sua primeira edição.

[Weverson Dadalto] *Você escreveu Pau de arara em 1970, em coautoria com Ítalo Tronca. Qual foi a motivação para a produção desse livro?*

[Bernardo Kucinski] De todas as modalidades de repressão a que mais nos enfurecia na época era a tortura de presos políticos. Havia urgência em denunciar essa prática em âmbito internacional já que a ditadura brasileira era tratada com benevolência por parte da mídia estrangeira que, fascinada pelo milagre econômico brasileiro, fazia vista grossa às torturas. As execuções extrajudiciais e os desaparecimentos forçados de presos políticos só se tornariam prática regular a partir de 1972. Tanto assim que

¹ Professor do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), Campus Vitória. Mestre e doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Endereço de e-mail: weversondadalto@gmail.com.

Pau de Arara empalidece frente ao que viria a acontecer. Não obstante a urgência humanitária, a articulação para produzir *Pau de arara* fez parte da luta política contra a ditadura, ou seja, da resistência à ditadura, pois além dos autores envolveu várias pessoas, pesquisadores e datilógrafos, trabalhando em condições de alto risco. Em outras palavras, o objetivo específico pode ter sido humanitário, a motivação maior foi política.

[W.D.] *Na edição brasileira, de 2013, você conta que a iniciativa para a produção do livro foi de Luiz Eduardo Merlini. Ingrida Mendes de Almeida, nessa mesma edição, relata a seguinte reação de Merlini, depois de ter recebido os originais, na França, para a primeira publicação: “Gravei também, pela sua conotação premonitória trágica, uma frase dele, dita algum tempo depois, em tom de pilhéria e com olhar maroto: ‘livro tão autêntico que seus próprios autores foram torturados’” (p. 235). Quais foram os efeitos da publicação do livro na sua vida pessoal?*

[B.K.] A premonição do Merlini só se confirmou, e nesse caso tragicamente, em relação a ele próprio, que foi barbaramente supliciado e deixado à morte na prisão por uma gangrena provocada pelas torturas e deliberadamente não tratada. A morte do Merlini obviamente nos assustou. Teria a ver com a publicação de *Pau de Arara*? Procurei seus companheiros de organização em Paris para me esclarecer, chegando até o líder máximo deles, o Alan Krivine, mas até hoje não sei quem ou o que levou à prisão de Merlini. Eu nunca fui preso nem antes nem depois da publicação. Fui levado uma vez ao DOPS por envolvimento numa greve e liberado no mesmo dia. Ítalo foi levado duas vezes à Operação Bandeirantes (que depois viraria o sinistro DOI-CODI), e em ambas foi solto no mesmo dia.

[W.D.] *Qual foi o impacto do livro na opinião pública internacional?*

[B.K.] Não sei aferir o impacto na época. Denúncias das torturas já circulavam, porém em meios restritos ligados aos exilados e em entidades de direitos humanos como a Anistia Internacional. A denúncia na forma de livro sempre impacta. Sei que a edição mexicana, elaborada pelo Flávio Tavares e publicada pela prestigiosa Siglo XXI, teve muita repercussão no Brasil em meios restritos, acadêmicos.

[W.D.] *Vocês escreveram o livro quando a ditadura já atingia a fase da máxima violência repressiva. Nesse momento, a resistência armada também se organizava e se intensificava. Ao escrever o livro, você e Ítalo Tronca tinham esperança no sucesso da luta armada? Ou vocês apostavam exclusivamente na denúncia escrita como forma de resistência?*

[B.K.] As duas premissas da pergunta estão equivocadas. A repressão virulenta só atingiria o auge em 72-73, a partir da criação dos DOI-CODI, da Casa da Morte em Petrópolis e posse do general Médici no final de 1969. Procedimentos de sequestro, prisão, interrogatório, tortura e desaparecimento de ativistas passam então a ser operados fora da estrutura legal e em locais clandestinos. Quanto à luta armada contra a ditadura, ao escrevermos *Pau de Arara* Marighella já estava morto e Guevara havia sido executado dois anos antes. A luta armada – com a exceção da guerrilha do Araguaia, ainda em fase de incubação – já estava derrotada e suas principais ações eram defensivas, tais como sequestro de embaixadores para exigir libertação de presos políticos. Eu não tinha relação direta com organizações de luta armada nem era filiado a alguma organização clandestina, armada ou desarmada (embora tivesse nutrido, por algum tempo, simpatia pela Polop); o Ítalo, que eu saiba, nessa época também não. Eu estava me iniciando no jornalismo, que entendi como vocação e não mera ocupação, e foi com esse espírito de cumprir uma obrigação profissional que escrevi, com Ítalo, o *Pau de Arara*, assim como reportagens de denúncia de torturas, antes disso, na revista *VEJA*. O sentimento de estar cumprindo um dever profissional intransferível me conferia uma sensação de imunidade, embora, na situação de então, tudo podia acontecer. Por esse motivo optamos por não assinar os originais. Ítalo já se iniciara no jornalismo um par de anos antes.

[W.D.] *Como você avalia o trabalho de jornalistas e escritores, na época, na resistência à ditadura?*

[B.K.] Houve resistência ampla e generalizada por parte dos setores pensantes, intelectuais, artistas, jornalistas, chargistas, escritores e acadêmicos, excetuando-se os economistas convencionais, eternos adoradores do livre mercado.

[W.D.] *No livro, analisando as perspectivas em 1970, vocês afirmam: “No domínio artístico, impõe-se o puritanismo estreito dos regimes fascistas, embora continuem intocáveis as empresas que geram e alimentam a pornografia” (p. 137). Você considera que a arte, especialmente a literatura, foi capaz de resistir, no período, à imposição do puritanismo e à violência da repressão? De que forma isso aconteceu?*

[B.K.] A arte libertária esperneou bastante, mas não resistiu à censura, que fez estragos nos roteiros de filmes e originais de teatro muito mais danosos do que se pensava – mostram documentos recém-liberados. A literatura, por ser menos suscetível à censura, nos deu belas obras, como *Quarup* [de Antonio Callado], *A hora dos ruminantes* [de José J. Veiga], *Incidente em Antares* [de Erico Verissimo], entre outras.

[W.D.] *Sua obra literária mais conhecida é K: relato de uma busca, de 2011, em que você trata ficcionalmente da história real do desaparecimento de sua irmã, Ana Rosa Kucinski, vítima da violência do estado de exceção. Ana Rosa foi sequestrada, torturada e assassinada pelos agentes da ditadura em 1974, poucos anos depois da produção de Pau de arara. Enquanto vocês preparavam a denúncia internacional da ditadura, você já conhecia as atividades de militância de sua irmã? E você já considerava a possibilidade de a repressão agir tão diretamente sobre a vida de sua família?*

[B.K.] Não. Deu-se aí um equívoco trágico. Minha irmã me alertava contra os riscos que eu corria por arrostar a ditadura, em especial nos textos de *Opinião*, ao passo que era ela quem corria grandes riscos e sem que eu disso soubesse, pois ignorava sua militância na ALN.

[W.D.] *O pau de arara, instrumento de tortura escolhido para intitular o livro de 1970, reaparece frequentemente em sua obra literária posterior a 2011. Lembro especialmente o conto “A instalação”, que integra o volume Você vai voltar pra mim e outros contos, de 2014. Nesse conto, uma mulher, que havia sido torturada pela ditadura, visita a casa de uma prima até então desconhecida e lá encontra uma curiosa peça de madeira usada como suporte para cachos de banana. A prima explica que esse vergalhão é, na verdade, um pau de arara deixado por seu marido falecido, um policial aposentado. O encontro assombroso faz a mulher reviver o trauma da tortura. Para você, o que o pau de arara simboliza, tanto na denúncia contemporânea à ditadura quanto na sua obra ficcional desta última década?*

[B.K.] Os regimes e situações cruéis valem-se de práticas singulares que acabam se tornando símbolos do todo. O símbolo do estalinismo é o Gulag, o símbolo das atrocidades americanas no Vietnã é a Napalm, o símbolo do genocídio nazista é Auschwitz, o símbolo do franquismo é o garrote vil. Você enuncia a palavra e está tudo dito, um universo inteiro de crueldades. O símbolo da repressão na ditadura brasileira é o pau de arara.

[W.D.] *Na introdução de Pau de arara, vocês afirmam que “a violência é a marca mais profunda da história política brasileira” (p. 17), e que “os tempos modernos não amenizaram a violência no Brasil, ao contrário, aperfeiçoaram-na” (p. 18). Você manteria essa afirmação ainda hoje, a respeito do nosso tempo atual, 50 anos depois da publicação desse livro?*

[B.K.] Reafirmo com ainda mais convicção. Tornaram-se em “novo normal” as cente-

nas de estupros, feminicídios e assassinatos de jovens negros pela polícia, as seguidas execuções de lideranças populares do campo. Contra esse pano de fundo, de uma violência quotidiana, cultural mesmo, há os surtos de violência explosiva – as chacinas: Candelária, Eldorado dos Carajás, Carandiru.

[W.D.] *A tortura continuou a ser praticada no Brasil mesmo depois do fim da ditadura, nas delegacias e presídios, como noticiam frequentemente os jornais e as instituições de defesa dos direitos humanos. Você teme que ela volte a ser adotada como meio sistemático de controle político, como ocorreu durante a ditadura?*

[B.K.] Não. A tortura servia para extrair rapidamente nomes, endereços e “pontos”. Hoje ela é desnecessária mesmo num novo regime de controle político. O que eu temo neste ano dois da tragicomédia bolsonarista é um Incêndio do Reichstag, seguido de expurgos ideológicos no serviço público e ondas de prisões, pontilhadas por relatos de presos que morreram em “troca de tiros”.

[W.D.] *Hoje, como você vê a resistência aos projetos autoritários bolsonaristas? A literatura está sendo uma forma eficaz de resistência?*

[B.K.] Sim e não. Sim, porque estamos tendo muita literatura engajada oriunda de minorias oprimidas – negros, mulheres, sem-teto, gays. É um processo de realimentação em que essa literatura fomenta o ativismo que, por sua vez, gera mais literatura. Não, porque o universo da literatura maior tem sido o indivíduo e não o social.

[W.D.] *Assistimos diariamente a uma disputa de memória, em que narrativas negacionistas, que hoje geralmente convergem no bolsonarismo, não só tentam apagar as marcas da violência ditatorial, como também louvam o período da ditadura. A literatura pode contribuir na luta pela manutenção da memória viva e verdadeira do passado? Como ela pode fazer isso?*

[B.K.] Obviamente que pode. A memória é a matéria prima da literatura. Até mesmo uma observação momentânea se incorpora à literatura como memória. A sensibilidade, a inspiração, o talento e a visão de mundo são ferramentas com as quais o escritor e o poeta fazem da memória narrativa literária. Literatura é, essencialmente, uma manifestação artística da memória. Entretanto a literatura maior não tem compromissos com disputas de narrativas, mesmo porque a narrativa literária, por ser invenção e imaginação, é única e verdadeira.

[W.D.] *O que você considera uma “literatura maior”?*

[B.K.] Penso que foi Derrida quem cunhou o conceito de literatura menor como aquela em que predominam temas da política contingente. Por dedução, chamo de literatura maior aquela em que predominam temas universais da condição humana.

[W.D.] *E como a narrativa literária pode ser “invenção e imaginação”, e, ao mesmo tempo, “única e verdadeira”?*

[B.K.] Talvez se deva reservar a palavra narrativa para designar relatos com pretensões de verdade, sendo que não passam de construções que se pretendem verdadeiras – daí a expressão conflito de narrativas. A invenção literária, fruto da imaginação humana, por não ter essa pretensão, é intrinsecamente verdadeira.

[W.D.] *Para concluir: Pau de arara foi o primeiro livro que você escreveu. Somente muito tempo depois você revelou seu talento como escritor de literatura, tendo produzido romances e contos premiados e amplamente discutidos pela crítica literária. Muitos temas de que você trata na ficção já aparecem em Pau de arara. Você considera que o escritor de literatura de hoje já se mostrava no autor do livro-denúncia de 1970?*

[B.K.] Não. Nada do que eu escrevi antes era ficção, ou indicava essa possibilidade. E nunca me ocorreu virar escritor.

[W.D.] *Há mais algum aspecto de Pau de arara, não contemplado acima, que você gostaria de comentar?*

[B.K.] O fato de *Pau de Arara* somente ter sido publicado no Brasil três décadas depois do fim da ditadura.

Referências Bibliográficas

KUCINSKI, Bernardo. *O fim da ditadura militar*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *Jornalismo econômico*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. *K: relato de uma busca*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

_____. *Pau de arara: a violência militar no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

_____. *Você vai voltar pra mim e outros contos*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

_____. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2018.

_____. *Júlia: nos campos conflagrados do Senhor*. São Paulo: Alameda. 2020.
